

## INVESTIMENTOS NA INDÚSTRIA DE DEFESA

*Palavras de boas-vindas do Ministro de Estado da Defesa, Raul Jungmann,  
na abertura da Sessão Paralela sobre Investimentos na Indústria de Defesa do  
Brasil Investment Forum 2017*

**São Paulo, 31 de maio de 2017**

Senhoras e senhores,

Nossa Base Industrial de Defesa representa o faturamento bruto de aproximadamente 65 bilhões de dólares. E aqui me refiro ao cluster em Defesa e Segurança. Essa mesma Base Industrial da Defesa é responsável por 60 mil empregos diretos e 240 mil empregos indiretos. Portanto, a Base Industrial de Defesa do Brasil é um fator de desenvolvimento, de avanço em termos de produtividade, de arrecadação de impostos e de geração de empregos diretos e indiretos.

É importante se dizer também que esta Base é fundamental em termos da manutenção da soberania do Brasil e eu aproveito para saudar aqui a presença do Almirante de Esquadra Leal Ferreira, que é comandante da Marinha, o senhor comandante da Aeronáutica, Brigadeiro Nivaldo Rossato, o senhor Chefe do Estado-Maior Conjunto, Almirante de Esquadra, Ademir Sobrinho, aqui presente também, o General de Exército, Fernando, o senhor Secretário de Produtos de Defesa, Flávio Basílio, e os demais oficiais gerais e oficiais superiores aqui presentes.

Prosseguindo, nós, cômicos dessa responsabilidade e do que representa essa Base Industrial de Defesa, até porque ela é um fator primordial para elevação e melhorias dos níveis de produtividade da indústria brasileira e da economia brasileira em termos gerais. Isso porque tudo aquilo que se produz em termos militares tem um spin off, ou seja, transborda para sociedade, ampliando a sua produtividade.

Como exemplo disso, nós temos a internet, a questão, por exemplo, do micro-ondas, nós temos o próprio celular, nós temos infinitudes de avanços tecnológicos que são produzidos no âmbito da indústria de defesa e que transbordam para sociedade gerando benefício para todos, e, de fato, a Base Industrial de Defesa é responsável, hoje, pela grande possibilidade de se ampliar e de se desenvolver essa mesma produtividade nacional.

Hoje, podemos dizer que o Ministério da Defesa é possivelmente o maior contratante de tecnologia e inovação que o Brasil tem. Nós temos um orçamento para esse ano de 15 bilhões de reais e se nós formos contar os grandes projetos estratégicos que nós temos na área da Defesa pelos próximos 20 anos, aproximadamente, nós podemos dizer que a carteira de projetos estratégicos que tem tudo a ver com tecnologia, desenvolvimento e inovação é da ordem de 132 bilhões de reais.

Quando nós falamos dos projetos estratégicos das Forças, nós estamos falando, sobretudo, por exemplo, do projeto FX-2, Gripen, desenvolvido junto com a SAAB, evidentemente, com uma forte participação da Embraer, nós estamos falando do KC-390, que se encontra em fase final de certificação, e, sem sombra de dúvida, é um produto já de sucesso, mesmo antes de se efetivarem as suas esperadas compras por países e Forças amigas, nós estamos falando aqui do SISFRON, que é o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras. O Brasil tem a terceira maior fronteira do mundo, são 17 mil quilômetros de extensão, dos quais 9 mil estão na chamada fronteira molhada. Esse tema é de extrema importância não apenas em termos de Defesa, mas também em termos de Segurança, por isso mesmo nós temos levado um diálogo permanente com os países vizinhos e fronteiriços. Nós temos dez países limítrofes. Nós estamos desenvolvendo todo um trabalho em termos de segurança, inteligência e defesa com esses países.

Ainda em termos dos projetos estratégicos, é impossível não fazer referência ao PROSUB, o programa de desenvolvimento que nós temos com a França, a DCNS e a Marinha do Brasil. Nós estamos, nesse momento, concluindo a produção de quatro submarinos diesel elétricos e nós estamos também desenvolvendo um submarino de propulsão nuclear.

Desenvolvemos blindados com a IVECO, desenvolvemos radares, estamos, inclusive, nesse momento na fase experimental do SGDC, que é o primeiro satélite geoestacionário que é totalmente operado e controlado pelo Brasil e foi desenvolvido pela Thales, empresa francesa, com a nossa participação.

Então, esses são alguns dos projetos estratégicos que são fundamentais em termos de Defesa, em termos de soberania, mas que, sem sombra de dúvidas, representa tudo aquilo que anteriormente eu aqui me referi, empregos, impostos, rendas, tecnologias, spin off e assim por diante.

Para fazer frente à necessidade que nós temos de, não só consolidar, mas fortalecer e expandir essa Base Industrial de Defesa, nós estamos realizando uma ampla reformulação de todo o marco regulatório que rege exatamente essa Base Industrial de Defesa, eu citaria aqui apenas alguns exemplos.

Nós temos já praticamente concluída a nova política de offset que é fundamental para exatamente todo o processo da Base Industrial de Defesa. Nós estamos reformulando a Lei 12.598 que tem, inclusive, no seu interior, um regime tributário especial chamado RETID, que não vem apresentando resultados que nós consideramos necessários ou suficientes e que conjuntamente com o trabalho feito a seis mãos, com o Planejamento e com a Fazenda, nós estamos finalizando esse processo de revisão e fazendo ele em ampla discussão com a Base Industrial de Defesa, através da CMID, exatamente por essa interação entre Defesa e as Forças Armadas e Base Industrial de Defesa.

Estamos também, concomitantemente, fazendo todo um processo de procurar reduzir as assimetrias que nós temos em termos de ICMS, compras no exterior, evidentemente, esse é um trabalho mais amplo que deverá demorar mais algum tempo, mas de qualquer forma precisa ser feito, para nós, é importantíssimo que isso venha de fato acontecer.

Conseguimos uma participação que é estratégica e importante na CAMEX. O cluster de segurança e defesa não fazia parte desse lobby que é decisivo em termos de política de exportação do País, mas, agora, fazemos parte efetivamente da CAMEX. Estamos iniciando uma discussão que é realmente estratégica, que é a possibilidade de nós termos orçamento plurianual, reduzindo, portanto, a imprevisibilidade que assola o orçamento de Defesa. Como isso seria feito? Através de uma negociação em termos exatamente do plano plurianual conjuntamente com a Fazenda. Isso é facilitado pelo regime fiscal, que torna bem mais

previsível a relação entre arrecadação e despesas, e é também, para nós, fruto de um enorme avanço. Que nós conquistemos isso e possamos ter essa necessária previsibilidade.

E por fim, para não me alongar, em termos desse processo de redesenho de toda essa arquitetura regulatória, eu colocaria a conquista, que de fato é uma conquista, a linha de financiamento das exportações brasileiras através do BNDES. Até aqui era difícil concorrer com as possibilidades, estilos, subsídios dos nossos competidores, sem contarmos aqui no Brasil com uma linha de crédito que nos desse as condições de ter essa competitividade. É bom lembrar que essa linha de crédito do BNDES não se destina a apenas as exportações, mas também, a produção que está aqui, significando, portanto, as possibilidades ampliadas para empresas transnacionais, como estrangeiras que venham se estabelecer no Brasil. Lembrando que essa linha ampliou o prazo de carência, ela amplia o prazo de pagamento, ela responde por até 100% do financiamento e, nós esperamos que, em breve, nós tenhamos o primeiro case que nós possamos celebrar e muito mais assim por diante.

Todo esse trabalho visa, sobretudo, assegurar melhores condições de segurança jurídica, de créditos, de financiamento, enfim, tudo aquilo que possa melhor contribuir para o desenvolvimento da nossa Base Industrial de Defesa. Mas nós entendemos que essa Base Industrial de Defesa, embora seja importante, e de fato ela tem os seus aspectos que não podem ser de forma nenhuma minimizados em termos de soberania, em termos de defesa, mas que ela tem que se inserir dentro de uma cadeia global de geração de valores. Nós não podemos abstrair isso porque, de fato, este é um setor que tem um alto nível de internacionalização e que, portanto, o País precisa ter condições de cobrar, fazer com que a sua cadeia produtiva internacional se insira nas cadeias produtivas mais amplas e globais que de fato importa.

Nesse sentido, nós temos realizado diálogos com países mais diversos, visando que sejam trocadas informações, processo de certificação, conhecimento de nichos e possibilidades não só do Brasil para os demais países, mas também dos países para o Brasil. Por exemplo, realizamos no ano passado um frutífero diálogo com a Base Industrial de Defesa dos Estados Unidos. Em seguida, tivemos esse mesmo diálogo em Portugal, lembrando que Portugal representa uma plataforma para a Europa. Em seguida, estivemos com a República Tcheca e também estivemos com a Colômbia e com o México, muito mais recentemente. Temos procurado exercitar, inclusive, uma diplomacia comercial em defesa. Acho que esse é um papel nosso que devemos assumir, entendendo, evidentemente, que isso faz parte do esforço no qual nós temos feito aqui de promover, fortalecer e consolidar a nossa Base Industrial de Defesa.

Eu não poderia encerrar essa minha fala sem lembrar que nós estamos retomando o projeto do Centro de Lançamento de Alcântara, que como os senhores sabem, pela sua localização geográfica, é aquele que tem melhores condições, inclusive em termos de redução de consumo bruto, e ele, desde mais ou menos 2005, estava paralisado. Nós retiramos o texto da Salvaguarda que lá se encontrava pra aprovação no Congresso Nacional, consolidamos o novo texto, estamos repassando no caso, inicialmente, para os Estados Unidos, mas também temos disposição firme de outros países em participar desse projeto, a exemplo de Israel, a exemplo da Rússia, que manifestou interesse, a exemplo da França, enfim, de países outros que também querem participar dessa retomada porque, afinal, um país que investiu bilhões de reais na construção de um centro de equipamento que ali se encontra plenamente consolidado, em plenas condições de funcionamento e que nós esperamos muito em breve, inclusive, com a reformulação da sua governança, um dos elos frágeis que nós tínhamos era exatamente a governança desse projeto, que ele possa vir a ser de fato uma realidade. Para isso, nós estamos criando um Conselho Nacional do Espaço, um comitê executivo, e eu espero que, muito em breve, nós possamos ter boas novidades no que diz respeito ao Centro de Lançamento de Alcântara.

Em linhas gerais era isso que nós tínhamos a dizer. Nós estamos prontos a comprar, nós estamos prontos para vender, nós estamos, sobretudo, prontos para compartilhar e estabelecer parcerias. Para nós, é fundamental que os senhores entendam que o Brasil é uma plataforma privilegiada em termos de mercados, como América do Sul, como África, como outros países, enfim, e que, de fato, nós podemos convergir os nossos interesses, compartilhar as nossas possibilidades e, assim, de modo geral, caminhar conjuntamente para uma melhoria, não só apenas das nossas relações comerciais país a país, mas, evidentemente, o interesse que nós temos com a Base Industrial robusta, capaz e que e está aberta a participação dos senhores a senhoras.

Por isso, sejam todos muitíssimo bem-vindos, sucesso e bom trabalho nesse nosso painel sobre investimento em defesa. Muitíssimo obrigado e tenham todos um bom dia.